



## RELIGIÕES DE ORIGEM AFRICANA NO MARANHÃO: RITUAIS CULTURAIS GASTRONÔMICOS

Denise Cerveira Tavares<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo aborda as festividades e as comidas de santo das primeiras casas afro-religiosas estabelecidas em São Luís - MA, dos dois terreiros: Mina Jeje e Mina Nagô, consideradas marcos da cultura maranhense negra no Maranhão. Observa-se ao longo do estudo um pouco da história de cada casa e seus rituais culturais gastronômicos. A metodologia aplicada foi a bibliográfica com autores especialistas, Ferrete e Mundicarmo, onde observou-se que a cozinha afro é bem marcante e ideológica dentro de um sistema religioso, que ajuda a criar e preservar a gastronomia de matriz africana.

**Palavras-chave:** Comida de Santo; Religião; Casas das Minas.

### 1. INTRODUÇÃO

A religião afro-brasileira no Maranhão é estabelecida em São Luís - MA desde meados do século XIX. Duas casas foram fundadas por africanos, segundo alguns autores como Ferrete<sup>2</sup> e Mundicarmo<sup>3</sup>, que afirmam que foram a Casa de Minas Jeje (de origem daomeana) e a casa Nagô (iorubana) de onde deriva a maioria dos terreiros de Mina. São consideradas marcos na afirmação da cultura e da religiosidade africana no Maranhão. Conhecidas também como tambor de Mina, existem muitas casas derivadas da casa de Nagô, algumas possuem influências de filhos do candomblé e da umbanda. Essas duas casas, a de Jeje e Nagô, encontram-se, hoje, em declínio em números de participantes e de rituais. Segundo Ferretti (1996):

---

<sup>1</sup> Graduada em Turismo e Hotelaria na Universidade Federal do Maranhão/UFMA, graduanda em história no Centro Universitário UNINTER. O artigo surgiu do grupo de estudos em Patrimônio Cultural/UFMA. E-mail: [denisecerveira@gmail.com](mailto:denisecerveira@gmail.com)

<sup>2</sup> Sérgio Figueiredo Ferretti é antropólogo e professor da Universidade Federal do Maranhão, autor do livro *Querebentã de Zomadonu: Etnografia da Casa das Minas*.

<sup>3</sup> Mundicarmo Ferretti, é antropóloga e professora da Universidade Federal do Maranhão, autora do livro *Desceu da Guma*, linha de pesquisa a cultura religiosa Maranhense.



O tambor de Mina se constitui numa prática religiosa amplamente difundida no Maranhão, especialmente entre populações de origem negra, da classe denominada. Trata-se de fenômeno social e cultural expressivo e relacionado com aspectos de comportamento de numeroso contingente humano que faz parte da religiosidade tradicional e da cultura popular, cujo significado e influência no comportamento da população maranhense, não foi ainda devidamente reconhecido e analisado. (FERRETTI, 1996, p. 14)

O tambor de Mina é uma religião carregada de ritos e bem discreta, envolvida de segredos e mistérios, realiza festas com transe, danças e comidas que atraem muitos participantes. A fartura nas festas ofertadas pelos terreiros constitui um dos elementos de prestígio e a distribuição de alimentos faz parte da cerimônia desta religião.

Durante o estado de transe no tambor de Mina, são recebidos voduns<sup>4</sup> e outras entidades. Alguns são conhecidos como os gentis ou fidalgos, que são entidades nobres com nomes portugueses, considerados voduns. Outros voduns conhecidos no Maranhão são os voduns jejes cultuados na Casa das Minas, diferentemente de outras casas de tambor de Mina, o qual não baixam caboclos, somente *voduns jejes*.

Segundo Tavares (2013, p. 33) o *vodun*, conforme a explicação da teologia, é um espírito intermediário entre a criatura e o Deus criador, ao qual o homem não pode se dirigir diretamente. Os voduns são entidades africanas da Casa das Minas, são denominadas de encantados onde pressupõe-se que atendem aos pedidos que Deus permite realizar.

De acordo com Ferretti (1996, p. 12) as entidades espirituais do tambor de mina são os gentis, que são encantados da nobreza europeia, geralmente cristã, associados aos orixás e, às vezes, também aos santos católicos. Esses encantados são também classificados como nagô-gentil ou como vodum-cambinda. Entre os destaques estão o Rei Sebastião, associado à Xapanã e à São Sebastião; Rainha Dina, associada à Iansã; Rainha Rosa de Lima à Oxum; Dom Luiz, Rei da França, associado à Xangô e à São Luiz, o Luiz IX.

No Maranhão, o termo caboclo representa entidades distintas dos voduns africanos e dos gentis, porém, é mais difícil de definir e caracterizar. São eles, os encantados que tiveram vida terrena, mas não são parecidos com espíritos mortos, os eguns. Porém, alguns deles pertencem a categorias não humanas como os botos e surrupiras. São associados às águas salgadas, como os turcos; à mata, como a família de Légua-Boji; a água doce, como Corre Beirada (oriundo da Cura/Pajelança).

## 2. RELIGIÕES DE ORIGEM AFRICANA NO MARANHÃO

---

<sup>4</sup> Vodun ou Vodoun (ortografia Beninense; Vodun/Vodum no Brasil; Vodou, Vaudou ou outras ortografias foneticamente equivalentes no Haiti; Vodou ou Vodou). Em português aplica-se aos ramos de uma tradição religiosa teísta-animista baseada nos ancestrais, que tem as suas raízes primárias entre os povos Ewe-Fon da África Ocidental, no país hoje chamado Benin, anteriormente Reino do Daomé, onde o vodun é hoje em dia a religião nacional de mais de 7 milhões de pessoas. Além da tradição fon, ou do Daomé, que permaneceu na África.



Nesta sessão iremos abordar as duas Casas afro religiosas mais antigas do Maranhão, localizadas na capital São Luís, casa da Mina Jeje e Mina Nagô, ambas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

## 2.1. CASA DAS MINAS - JEJE: COMIDA DE SANTO NA CASA DAS MINAS - JEJE

A Casa das Minas - Jeje (Figura 1) é uma das mais antigas de São Luís - MA, localizada na rua São Pantaleão, nº 856, fundada em meados do século XIX e tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no ano de 2002, pelo processo nº 1464-T-00.



Figura 1- Casa das Minas - Jeje  
Fonte: <<http://wikimapia.org/24434891/pt/Casa-das-Minas>>

A casa era composta de escravos de etnia *Jeje*, *Ewe* ou *Eouné*, com sua origem do Daomé, atual República de Benin, que denominavam *Querebetã de Zomadonu*. A casa sempre foi chefiada por mulheres. Nas antigas escrituras consta o nome da primeira proprietária, a africana Maria Jesuína. A casa ficava anteriormente no nº 199, esquina com o beco das Minas.

Segundo Ferretti (1996, p.14), em seu livro *Querebentan de Zomadunu*, a escrava Maria Jesuína era a Nan Agotime que teria nascido na década de 1770, tendo menos de oitenta anos de idade, em 1847, ano da aquisição do prédio atual.



O termo “mina” veio de um grupo étnico do Gana e está associada ao forte de São Jorge de Mina ou Elmina, na Costa do Ouro. Serviu para rotular os negros sudaneses introduzidos no Brasil à época do tráfico: mina-fanti, mina mahi, mina-popo, mina-jeje, mina-nagô, entre outros. Portanto, deu origem a expressão Tambor de Mina aplicado aos terreiros religiosos oriundos dessas etnias no Maranhão e, conseqüentemente, Casa de Minas onde vivem as negras minas. Segundo Ferretti (1996):

A Casa das Minas é o nome pela qual é conhecido como mais antigo terreiro de tambor de Mina que se tem notícia no Maranhão, sendo provavelmente a casa que deu origem ao tambor de mina e que serviu de modelo a outras casas semelhantes. É também chamada de Casa Grande de Minas ou Casa de Minas Jeje, denominação dada aos grupos étnicos provenientes do Sul do Benin, o ex- Daome, vindos em grande número para o Brasil no século passado. A casa de Mina é ainda chamada de *Querebentam de Zomadonu*, ou terreiro de *Zomadonu*, nome da divindade protetora dos fundadores. Fundada em indícios do século XIX. A Casa das Minas é uma das mais antigas comunidades de culto afro-brasileiros que se tem notícia. É considerada a casa mãe de outros tambores de mina do Maranhão e da Amazônia, embora formalmente não haja outras que lhes sejam filiadas. (FERRETTI, 1996, p. 14)

Diante do exposto, o terreiro de Minas Jeje tem suas festividades durante o ano todo, a grande maioria das cerimônias públicas, consistem em festas em homenagem aos *voduns*, onde são realizadas nos dias de santos católicos importantes, com seu calendário de festas de janeiro a dezembro.

Por isso, dia de festa é dia de “toque na casa”, onde os tambores são tocados e sempre acompanhados por cânticos e danças das divindades, o qual as mulheres incorporam durante o culto. Portanto, a festa é um momento de alegria, comunicação e devoção.

As festas estão divididas em parte pública e uma parte secreta como discorre Ferretti (1996):

As festas possuem uma parte pública acessível aos visitantes e uma parte secreta ou privada de que participam umas poucas pessoas. A parte pública é ocupada pelas danças e consultas dos *voduns*, os quais inclui algumas distribuições de alimentos e invocação e despedida da divindade. Na casa das Minas esta parte privada subdivide-se em quatro etapas que recebem denominações especiais de *Zandró*, *Narrunó*, *Jonu* e *Nadopé*. As *vodunsis* ou filhas de santo não costumam e não gostam de fazer referências a estas etapas não públicas das cerimônias e evitam comentá-las. (FERRETTI, 1996, p. 131):

Portanto, a festa privada, como descreve o autor acima, se inicia com a invocação chamada de *Zandró*. O ritual dura no mínimo três dias acompanhado com matança de animais, onde se oferecem alguns pratos como abobó, que é oferecido com cânticos. Durante o ritual, se faz a limpeza das pessoas e dos animais que irão entrar na matança.



A festa privada consiste também na invocação dos voduns, sendo precedido pelo preparo de abobó para lhes ser oferecido; logo depois vem a matança, chamada de *Narrunó*, ritual dos animais oferecidos ao sacrifício às divindades, geralmente realizada na madrugada. No dia da festa vem o agradecimento, chamado de *Jonu* ou *Jolo*. O seu ritual é para que se façam pedidos e agradecimentos, ou seja, é a dedicação à festa.

No final da festa privada, será realizada a despedida, chamada de *Nadopé* ou *Anadopé*. No encerramento da festa, há a participação somente dos iniciados, com o seu ritual de banho de limpeza, ou seja, a purificação para a volta para a casa com o espírito preparado.

Durante as celebrações públicas, a casa oferece festas grandes, que costumam durar muitos dias. Estas seguem a tradição de que as festas mais importantes ou de obrigação, são aquelas que duram três dias ou mais dias com toques de tambor e vinda de divindades. Realizadas concomitantemente com as festas de santos da Igreja Católica, como Ferretti (1996) descreve:

Festas de Santo da Igreja Católica, em São Luís e em outras cidades antigas, eram e continuam a ser realizadas por irmandades religiosas durante um tríduo, uma semana, uma novena e uma trezena. Estas festas de igreja são muito lembradas pelo povo no Maranhão, pois eram importantes até o fim da década de 1950. Após o Concílio Vaticano II, entre 1962 e 1966 devido às modificações nas tradições litúrgicas, com a retirada de imagens de santos dos altares e o desestímulo à procissões e festas religiosas populares, estas práticas do catolicismo popular perderam a sua intensidade, mas são lembradas com saudosismo pelos devotos tradicionais e continuam parcialmente realizados por iniciativa particular e também em casas de culto afro-brasileiros. (FERRETTI, 1996, p. 134)

Atualmente, na Casa de Minas são realizadas algumas festas católicas, aniversários dos voduns e festas de obrigação. O termo obrigação na Casa de Minas equivale ao preceito. As comidas oferecidas aos *voduns* também são chamadas de obrigação como, por exemplo, a abobó. Pois, para se evocar o *vodun* precisa-se preparo do alimento, antes de iniciar a cerimônia. Nas festas e cerimônias das duas casas Mina Jeje e Nagô são oferecidas várias comidas, conforme demonstrado no quadro (FERRETTI, 1996, p. 59):



COMIDAS OFERECIDAS NAS FESTAS E NAS CERIMÔNIAS
<p><u>Abobó</u>- Preparado com feijão branco de olho preto que é quebrado, socado em pilão de pedra com mão de pedra, que é um corisco ou pedra de raio. Cata-se e se limpa o feijão, coloca-se de molho de um dia para o outro. Leva-se ao fogo onde é cozido e se faz um angu até ficar meio seco. Tempera-se com dendê e arruma-se numa travessa.</p>
<p><u>Agrará</u>- É uma farofa amarela feita com farinha de mandioca seca, levando sal e dendê. Mistura-se bem com as mãos até ficar com a cor amarela.</p>
<p><u>Amió</u>- Feito com fubá de arroz, água, sal e dendê. Parece um pirão. Mexe-se com um pau de buriti, logo depois, mistura-se no alguidar, porém, não vai ao fogo. É cozido no vapor e posteriormente, molha-se o fubá de arroz e logo depois despeja-se no alguidar.</p>
<p><u>Acarajé</u>- Feito com feijão branco de olho preto que é quebrado e socado no pilão de pedra com mão de pedra de raio, soca-se com pimenta do reino, pimenta vermelha e sal. Fazem acarajés pequenos, sem recheio e leva um pouco de gengibre da terra branco seco e logo depois, frita-se no azeite de dendê.</p>
<p><u>Cuxá</u>- Um prato maranhense típico, só se come na casa das vodunsis, depois da festa de São Sebastião, pois leva gergelim, que é comida do povo de <i>Acoosi Sakpatá</i>. O cuxá é preparado com vinagreira, gergelim, camarão seco e farinha seca batidos no pilão, pimenta, sal e água.</p>
<p><u>Carirú</u>- É comida de ritual fúnebre, mas pode ser oferecido em outras ocasiões fora desta obrigação. É preparado com quiabo cortado fino e cozido, farinha seca, camarão seco, misturado com farinha e socado no pilão de pedra. A bola de fubá de arroz que acompanha o carirú é preparada mexendo-se o fubá no caldeirão até virar uma massa. Logo depois, acrescenta-se água no caldeirão para ferver e se cozinha no vapor e para formar as bolas bota-se uma colher numa tigela pequena que se molha e vira formando a bola. Logo em seguida serve-se sempre duas bolas e uma concha de carirú para cada pessoa.</p> <p>Na Casa das Minas e na Casa de Nagô a comida de obrigação fúnebre sempre se come com colher. Porém, antes do carirú oferecem pequenas xícaras de café com pão, que é servida para os tocadores, as <i>vodunsis</i> e os amigos, sempre por ordem, não devendo ficar nenhum lugar vazio na mesa e depois serve-se o carirú com bola.</p>

Quadro 1- Comidas Oferecidas nas Festas e nas Cerimônias

Fonte: Ferretti (1996)



## 2.2. CASA DE NAGÔ: COMIDA DE SANTO NA CASA DE NAGÔ

A Casa de Nagô (Figura 2) localiza-se na rua das crioulas, atual, Cândido Ribeiro, nº 799, bairro de São Pantaleão. Foi tombada pelo Patrimônio Histórico Estadual através do decreto nº 10.029 de 4 de novembro de 1985.



Figura 2- Casa de Nagô

Fonte: <<http://maranhaonocongressosreligiosidade.blogspot.com.br/p/casa-de-nago.html>>

De acordo com as pesquisas realizadas na Casa de Nagô, através da metodologia oral, aplicada com os moradores da casa, a pesquisadora Mundicarmo relatou em seu livro *Desceu da Guma* que a casa foi aberta por duas africanas: Josefa de Nagô e Maria Joana, com a colaboração de outros africanos e também foram ajudadas pela chefia da casa das minas.

Da sua fundação até 2008 teve oito ou nove chefes, função sempre exercida por mulheres, onde somente elas dançam em transe na guma. No barracão, somente os tambores abatás e cabaça grande, conhecido como xequeré, são tocados por homens e sem a participação deles não há toque. Os demais instrumentos como o agogô e algumas cabaças pequenas são tocados por mulheres que também atuam na cozinha de *vodum*.

Segundo Mundicarmo Ferretti (2000, p. 13):

Na casa de Nagô são cultuadas ou recebidas em transe mediúnico: entidades africanas (orixás e voduns); gentis (nobres europeus associados a orixás e também considerados nagôs); e caboclos (entidades não africanas, não confundidas com orixás, vinculadas a ilha de Caxias) A classificação e identificação das entidades cultuadas na Casa é tarefa difícil, mesmo das nagôs, pois só algumas delas (como Xangô e Iemanjá) tem o mesmo nome do candomblé e em outras religiões afro-brasileiras mais conhecidas do Toque de Mina.



A autora Ferretti (2000, p. 14) fala também das obrigações e das comidas de obrigação:

Na casa de Nagô as obrigações para as entidades espirituais são cercadas de tabus e de segredos e poucas filhas das casas têm acesso ao vandecó (peji). Fala-se que na Mina-Nagô quase não há matança de animais e quando há comidas de obrigação sua distribuição ocorre geralmente longe dos olhos da assistência.

Portanto, a importância de se oferecer comidas em rituais aos deuses ajuda no fortalecimento dos laços religiosos e éticos unindo assim por meio da socialização. Os adeptos das religiões afro-brasileiras contribuem assim para o aumento do contato entre homens e divindades, reforçando fé e identidade.

Na casa de Nagô realizam-se, durante o ano, alguns rituais e toques em homenagem aos santos. Um dos rituais como, por exemplo, o da bancada. O toque ocorre toda Quarta-feira de Cinzas, onde são oferecidos alguns alimentos torrados, frutas, doces, refrigerantes e licores para os presentes. São realizados também seus rituais de catolicismo como a Festa do Divino; a queimação de Palhinhas e a Ladainhas em louvor aos santos do altar. Durante pouco tempo a casa também realizava brincadeiras folclóricas como o bumba-boi para o encantado preto velho, porém, foi deixando de realizar com o falecimento da *Voduns<sup>5</sup>* que o recebia.

Segundo Ferretti (2000, p. 20), a casa de Nagô é muito ligada à Casa de Minas, pois, aparece claramente no “tambor de choro” do terreiro Jeje, um ritual fúnebre também denominado *sirrum* ou *zelin*. Com isso, quando se reserva um lugar aos nagoenses dentro da casa de Mina, os mesmos permanecem na casa até o encerramento do ritual e no 7º dia a casa das Minas manda para a sua co-irmã um tabuleiro com as comidas de obrigação. Outra ligação bem forte entre as duas casas é na festa de São Sebastião, onde acontecem as visitas dos *voduns* das Casas de Mina e de Nagô, em que todos dançam e confraternizam entre si.

Tavares (2013, p. 36-39) expõe a trilha dos festejos, rituais e programação na Casa de Nagô, conforme podemos ver nos tópicos abaixo, ressaltando que ao longo dos anos muitas delas estão perecendo:

- A Festa de Santa Bárbara, conhecida também por *Sobó*, acontece no dia quatro de dezembro. Considerada Santa padroeira do Tambor de Mina do Maranhão. Este evento é comemorado em todo o Estado, assim como na casa de Nagô, onde existe o

---

<sup>5</sup> *Vodunsi* é um termo *Fon* que quer dizer "Filho de *Vodun*", e designa todo aquele que manifesta a energia do *Vodun*, ou seja, aquele que no candomblé vira no santo, ou que recebe o orixá, aquele que passou pelos preceitos da religião afro-brasileira se tornou um *Vodunsi* ou apto a manifestar as forças do orixá.



sincretismo religioso associa a santa Barbara que é católica ao *vodum Sobô* ou, em outra linha, ao orixá *lansã*, também conhecida como *Oiá*, que domina os ventos, raios e tempestades.

O evento acontece ao meio-dia a tradicional ladainha, do cântico do bendito Santa Bárbara, seguida de almoço entre os presentes, no qual é servido o caruru, comida oficial da Casa, comida de obrigação de *Xangô/Badê*, às 18 horas, acontece missa na igreja São Pantaleão.

Após a chegada uma nova ladainha é entoada seguida da corte e distribuição de bolo aos presentes, além de refrigerantes. Ao final da dança com o acompanhamento do toque do tambor, as *vondusis* encerram o ritual por volta da meia noite, um momento de confraternização entre todos que acompanham o ritual até o fim servindo o mingau de milho.

- Festa de São Sebastião, conhecida também como *Xapanã*, realizada na casa de Nagô. A festa acontece no dia vinte de janeiro, logo no primeiro aposento da casa, é preparado um altar católico, com a imagem de São Sebastião, onde é sincretizado na casa como o orixá *Xapanã*, um nome do orixá *Obaluaié*.

Durante a festa acontece a ladainha ao meio-dia, seguida de almoço servido às pessoas que se fazem presentes, às 18 horas acontece uma missa em grande ação de graças a São Sebastião, realizada na Igreja São Pantaleão, após a qual os participantes se dirigem a casa de culto.

Dentro da Casa de culto, acontece uma nova ladainha, na qual o *Kyrie* é entoado, seguido pelo Benedito de São Sebastião, após o término dessa celebração, é servida comida (mingau de milho, bolo com pastilhas e refrigerantes) e somente às 21 horas tem início o toque do Tambor de Mina, encerrando após as 23 horas.

- A Festa do Mocambo é feita no final de semana depois do festejo de São Sebastião, é uma obrigação, um pagamento. Nos cultos de raiz africanos, as moedas são bastante utilizadas; na África os búzios serviam antigamente como moeda corrente. No ritual, as filhas de santo recolhem moedas em cuias, sendo as mesmas perfumadas por meio de banhos aromáticos, e recolhidas em obrigação durante o período de *valdencó*, junto aos assentamentos da casa.

A finalidade da festa se relaciona ao pagamento simbólico para as pessoas que ajudam a casa durante o ano inteiro. Tem início com a ladainha para São Sebastião/*Xapanã*, pois segundo as *vondusis* é ele que paga as pessoas que



colaboram com a sua festa, o mocambo sempre acontece a noite, com a realização do Toque de Mina após as 22 horas.

- A Queimação de Palhinhas é uma obrigação da Casa de Nagô e Mina no qual o orixá é louvado. A festa acontece dia dois de fevereiro, o dia todo com a presença dos padrinhos dos presépios, amigos dos terreiros que ficam responsáveis desde montagem do mesmo até os gastos da festa. A madrinha é responsável pela mesa do bolo, com doces e refrigerantes.

Durante a festividade, a chefe do terreiro corta o bolo e profere algumas palavras, realizando pedidos. Existe uma ladainha a noite, seguida de queimação de palhinhas do presépio, que é montado no Natal. Logo após o ritual de palhinha, acontece o toque de tambor para lemanjá, unindo o catolicismo popular e o ritual de mina para o orixá.

- Bancada da Meninas, acontece na Quarta-Feira de Cinzas, após o carnaval vem o ritual da bancada. Todas as entidades, os caboclos, os voduns, orixás descem nas vodunsins e se sentam a mesa num momento em que acontece uma grande oferenda, onde são distribuídas frutas e comidas, preparadas no terreiro ao longo de uma semana. Segundo o autor é o momento na qual se vê a exposição de preparação da comida ritual da Casa.

Na festa forma-se a mesa do banquete, na qual eles oferecem comida ritual de origem africana aos visitantes e amigos da casa. As frutas que são ofertadas durante a cerimônia, são elas: banana, abacaxi, laranja, além de doce de coco, gengibirra (bebida à base de gengibre), licores, refrigerantes, vinho, pipoca, pastilhas, paçoca de amendoim e cocadas. Durante o banquete cada uma das mulheres é acompanhada por um homem que carrega o tabuleiro.

- Festa do Divino Espírito Santo- na véspera da abertura da celebração é feito um ritual chamado *Até*, na qual é realizada uma espécie de purificação, onde as pessoas envolvidas durante a festa comem a comida de santo. Durante a Festa do Divino todos os terreiros recebem através do alimento uma espécie de energia para ter força para levar a festa do Divino adiante, pois é uma das maiores festas públicas da Casa.

Pela manhã é realizada uma missa solene em louvor ao Espírito Santo, em seguida o cortejo com as caixeiros<sup>6</sup> (Fotografia 1) até a casa, e logo após o cerimonial do mastro.

---

<sup>6</sup> *Caixeiros*, senhoras devotas que cantam e tocam caixa acompanhando todas as etapas da cerimônia. As caixeiros de São Luís são em geral mulheres negras, com mais de cinquenta anos, que moram em bairros periféricos da cidade.



No final da cerimônia é oferecido pelos mordomos um banquete (Fotografia 2), o qual é realizado um grande almoço e jantar.



Fotografia 1 - Toque das Caixeiros – Fonte: Acervo pessoal de Denise Tavares (2009).



Fotografia 2 - Banquete da Festa do Divino - Fonte: Acervo pessoal de Denise Tavares (2009).



- Festa de São João, São Pedro /Xangô- acontece no dia de São João dia 24 de junho e no dia de São Pedro dia 29 de junho. Não é mais feito, atualmente nenhuma Vodunsi da casa recebe Badé ou Xangô, de tal forma que a festa enfraqueceu com o tempo.
- Festa de São Benedito/ Averequete- acontecia dia 1º de janeiro, data do aniversário do terreiro, porém, com o falecimento da dona Mundica e posteriormente Tomás, o festejo não é mais realizado. Não é mais feito nenhum ritual com a perda da tradição dos envolvidos da festa.
- Festa de São Cosme e Damião- realizado dia 27 de setembro, normalmente ligada a devoção que as pessoas têm com os santos e no terreiro ele é tradicional, pois há muito tempo uma senhora começou a pagar uma promessa feita em razão da graça alcançada para seus dois filhos que eram gêmeos, surgindo daí a comemoração. A festa de São Cosme e Damião não é uma festa muito ritualizada, porém é devocional, várias pessoas se envolvem trazem bombons, outros fazem bolos. No dia dedicado aos santos há uma preparação de comidas pela parte da manhã. As pessoas ligadas ao culto e ao terreiro também participam em um almoço compartilhado, onde é servido comidas comuns de festas, além de outros pratos como caruru, que é uma comida tradicional da casa, assim como também é servido comidas de obrigações nas cerimônias, como o vatapá.
- Festa de Nossa Senhora dos Remédios, acontece dia 16 de outubro, chamada festa das meninas, entidades infantis que são destaque da festa. Durante o festejo tem o tambor para a princesa, durante o dia ao meio-dia e a noite acontece ladainhas, e logo depois, no dia posterior, corta-se o bolo.

## CONCLUSÃO

O presente artigo abordou as festividades e as comidas de santo em duas casas religiosas estabelecidas em São Luís do Maranhão, dos terreiros de Mina Jeje e Nagô, consideradas marcos da cultura maranhense negra. Os terreiros têm suas festividades durante o ano todo, com cerimônias públicas. As festas são geralmente realizadas nos dias de santos católicos importantes, com seu calendário de festas de janeiro a dezembro.

Com isso, observou-se ao longo do estudo um pouco da história de cada casa e seus rituais culturais gastronômicos durante toda a festividade das casas. Algumas festas



católicas, aniversários dos voduns e festas de obrigação, em que são oferecidas comidas de santos. Algumas comidas são chamadas de obrigação como o abobó, que é servido antes de iniciar a cerimônia. Além das festas abertas ao público, são feitas cerimônias e são oferecidas várias comidas como: Abobó, Agrará. Amió, Acarajé, Cuxá, Cariru, entre outros.

As duas casas têm datas ao longo do ano abertas ao público para comemorar os santos católicos, juntamente com os banquetes gastronômicos oferecidos pelas administradoras da casa e a comunidade. De forma coletiva conseguem realizar todo o ritual, uma das mais conhecidas é a festa do Divino Espírito Santo, onde é oferecido pelos mordomos um banquete, um grande almoço e jantar. Observou-se que a cozinha afro é bem marcante e ideológica dentro de um sistema religioso, que ajuda a criar e preservar a gastronomia que, atualmente, encontra-se espalhada em todo país.

## REFERÊNCIAS

FERRETTI, M. R. **Desceu da Guma**. O Caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís- A casa Fati-Ashanti. São Luís: EDUFMA, 2000.

\_\_\_\_\_. **De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto, Mina, uma religião de origem africana**. 2ª Ed. São Luís: SIOGE, 1977.

FERRETTI, S. F. **Querebentã de Zomadonu. Etnografia da casa das Minas**. São Luís: EDUFMA, 1996, 2ª Ed. Revista. (Original, 1985).

TAVARES, D. **Banquete dos Santos: compreendendo a valorização da contribuição gastronômica afro-religiosa maranhense enquanto Patrimônio Cultural Imaterial**. São Luís: UFMA, 2013.

VASCONCELOS, M; FERRETTI, M; SOUSA Paulo Melo. **Nagon Abionton: um estudo fotográfico sobre a Casa de Nagô**. São Luís, 2009.